

O PANTHEON

NO ANNIVERSARIO DE VICTOR HUGO

Na Natureza ha uma constante permutação de elementos. O reino animal fórmase á custa do vegetal e do mineral. Apparecem saes mineraes no interior das cellulás das plantas, e estas ultimas vão buscar o alimento ás profundezas da terra, ás regiões da atmosphera, e aos proprios animaes, como as insectivoras, de que Darwin, entre outros, nos deu um bello estudo.

A mesma ordem de cousas se nota nas sociedades.

Assim, Portugal, no periodo das suas descobertas, abriu ás sciencias, ás artes, á industria e ao commercio de todas as nações um grande campo de actividade; mas em troca, ainda que affirmando sempre uma poderosa individualidade, tem recebido do estrangeiro boa somma de ideias de que resulta uma parte consideravel do nosso pregresso.

Não é a França o paiz a quem menos devemos.

Sem ser preciso remontar ao periodo da fundação da monarchia, em que um guerreiro francez surge á frente dos nossos destinos; sem mesmo se passarem em revista as diversas ações do povo de alem-Pyrinneus sobre nós, desde o tempo em que a poesia provençal constituia o encanto da corte do intelligentre rei D. Diniz, até quando Cruz e Silva iguala Boileau no *Hyssope*, Filynto Elysio e Bocage, traduzem, um a Chateaubriand, outro a Castel, Lacroix, etc., o P.^e José Agostinho de Macedo imita Delille, e as nossas livrarias se enchem de publicações francezas, — bastava que se attentasse no que a moderna litteratura portugueza deve a Victor Hugo, para nos convencermos immediatamente de quanto é justa qualquer manifestação que os portuguezes publiquem agora para commemorar o anniversario do grande escriptor e democrata.

Os redactores do PANTHEON, interpretando quer o pensamento de cada um d'elles, quer o da geração academica do Porto, á qual se honram de pertencer, consagram o presente número áquelle que, com *La Légende des Siècles*, traduziu numa forma admiravel,

a evolução dos povos, com *Le Pape* deu á Egreja um ideal difficult de realisar, emfim com essas obras, que se intitulam *Les Misérables*, *L'Année Terrible*, *L'art d'être grand-père*, *Notre Dame*, etc. etc. tem afirmado que não é extinta a chamma que produziu a *Illiada*, a *Divina Comedia*, os *Lusiadas*, as epopeias do Oriente e as epopeias do Norte, todas essas crystallisações da alma da Humanidade.

Porto 1880.

A REDACÇÃO.

O CONDESTAVEL DE PORTUGAL

No Cancioneiro de Resende, existe um poema moral de cento e vinte e cinco outavas de arte mayor ou estylo de lamentação, longo tempo attribuido ao infante D. Pedro, Duque de Coimbra, mas hoje plenamente demonstrado como escripto por seu filho o Condestavel de Portugal. A causa do erro proveiu do titulo do poemeto: «*Coplas fechas por el muy illustre Señor infante dō Pe- || dro de portogal : en las quales ay Mil versos con sus glo- || sas, contenientes del menosprecio : e contempto de las cosas fermosas del || mundo : e demonstrando la su vana: e feble leel- dad* ^{1.}»

Termina com o colephão: «*Acabase las coplas fechas por el muy || illustre señor iffante don Pedro de por- || togal. Deo gracia.*»

Garcia de Resende, eliminando as glosas em prosa que acompanham estas outavas, nas quaes se declara quem é o verdadeiro auctor do poemeto, incluiu-as no Cancioneiro, pondo adiante da rubrica — *Do infante dom pedro este appenso «fylho d'el || rey dom joão da groriosa memoria».*

Pelo estudo d'essas glosas o litterato hespanhol J. M. Octa-

¹ Vol. de 34 fl. folio, innumeradas, com rubricas.

vio de Toledo demonstrou pela primeira vez como o poemeto do *Contempto del mundo* pertence irrevocavelmente ao Condestavel Dom Pedro.¹

Na estrophe duodecima se lê:

*Mirad al Maestre | si vivió penando
Mirad luego juncto | su acabamiento.*

Referem-se estes versos ao Maestre Senhor de Escalona, isto é, a Alvaro de Luna, executado em 1453; tendo o duque de Coimbra sido assassinado em 1449, por certo que não podia memorar a execução do valido quatro annos depois do seu proprio desastre.

Na glosa correspondente á estrophe transcripta se prova, não só que o Maestre é Alvaro de Luna, como tambem que é autor dos versos, o Condestavel D. Pedro é o proprio commentador do texto e não Antas Dunea, como erradamente se tem sempre repetido. Eis a glosa alludida: «Fabla aqui del *maestre don alvaro de luna* grand privado del *rey don johan de Castilla el segundo mi tio*: cuya privanza duró un trentenario de años: del qual se averiga ayuntar gran copia de thesoros: cuya vida fué siempre en muchos: e diversos trabajos haviendo grande e singular lucha com la fortuna, de cuya boco yo me recuerdo haver oydo algunas veces sus ojos non cerrar el sueño: ni los cuidados los abrir, que no houiese memoria de su muerte, etc.» O Condestavel era sobrinho em segundo gráo de João II de Castella, por isso que era neto de D. Filippa de Lencastre irmã de D. Catherina mulher de D. Enrique, o Doente. Além d'este facto terminante, a referencia ao tracto pessoal com Alvaro de Luna explica-se pela epoca da expedição do Condestavel Dom Pedro em 1445 com soccorro ao rei de Castella, o qual depois da batalha de Olmedo deu ao seu valido em 1446 o titulo de Mestre de Santhiago. O Condestavel refere-se a isto no verso:

¹ Apud. *Revista Occidental*, 1.º anno, t. II, p. 295 a 315.

fable el maestre | senhor d'Escalona,
diga se le fueste | fiel ó leal.

Além d'estas provas tão claras, accrescem ainda as glosas da estrophe 13 em que diz o Condestavel explicando os nomes de *Venus e Diana*: «de lo qual dixe en la mi *Satyra*.» Allude aqui a uma obra sua intitulada *Sátira de felice e infelice vida*; ¹ de facto no capítulo IV d'esta composição pela primeira vez descripta pelo sr. Amador de los Rios, ² se commenta os nomes das deosas Venus e Diana. E no commento da estrophe 31, diz: «Ya deste Vulcano es fecha mencion en la *epistola que embie a la muy perfecta señora la reyna de portugal mi soberana señora...*» Na verdade a *Sátira de felice e infelice vida* é dedicada a sua irmã a rainha D. Isabel, mulher de D. Affonso V, com uma carta em prosa em que explica o titulo, o pensamento da obra e o motivo porque a traduzia de portuguez para castelhano.

Na estrophe 22 do poema Contempto del mundo, se lêem os seguintes versos, que o Condestavel tambem commenta, dando-se a conhecer:

Mataron a *Johan duque del Condado*,
no pudo su estado su muerte evitar.

E na quarta glosa d'esta passagem diz: «Al duque de burgonya pueden llamar *Duque de condado*, porque es duque de burgonya e conde de flandes, el mas rico e mas noble condado del mundo. Este johan de que aqui se faze mencion fué principe muy noble e magnifico, e huvo quasi el mando de toda francia: e fué padre d'este victorioso e muy insigne duque *felippe mi tio*, honrra de cristiandat e espejo de doctrina de cavalleria; etc.» Refere-se por tanto a João Sans-peur pae de Filipe o Bom, que casou em 1429 com D. Isabel, filha de D. João I, e tia do Condestavel.

¹ Conserva-se inedita na Bibl. de Madrid. Est. P. 61. Vol. de fo¹ 72, escripto por Christofol Bosch em 1468.

² Hist. critica de la litteratura española, t. VII, p. 82-86.

O poemeto do *Contempto del Mundo*, foi dedicado a seu cunhado el-rei D. Affonso V¹, em cujo proemio allude ás suas proprias glosas «que con graçiosos e amigables oios tu leas los Mil versos mios acompañados de algunas glosas: los quales yo caminando por deportar e pasar tiempo ala feria pasada de Medina, en mi viaje houe la introducion e la inuençion dellos feriados...» O poema foi escripto em Castella depois de 1453 e remettido para Portugal pouco antes de 1458, em que lhe foi permitido voltar á patria. O manuscrito existente na Biblioteca de Madrid tem a data final de 1457, como nos declara o sr. Octavio de Toledo². Restituindo-se ao Condestavel de Portugal a composição do poemeto *Contempto del Mundo*, fica explicado o muito respeito que por elle tinha o Marquez de Santillana, na celebre Carta que lhe escreveu, e em que allude ás obras do joven principe: «algunas gentiles cosas de tales que yo he visto compuestas de la vuestra prudencia.» A *Satyra de felice e infelice vida*, como se deprehende, foi escripta proximo de 1448, tendo dezoito annos e outo mezes, ainda em Portugal, e acabada e traduzida já no exilio; a Carta do Marquez não é anterior a 1448, e por isso sabe-se quaes eram as *gentiles cosas* a que se referia.

THEOPHILo BRAGA.

LAURETTE

Te souviens-tu le temps où, plein de cet amour
 Que tu croyais une amourette,
 Je te nommais — ma vie, le soleil de mon jour,
 Ma bien-aimée — brune Laurette ?

¹ Isto explica a causa do erro de Barbosa Machado, que dava o poema dedicado a D. Affonso de Aragão, administrador perpetuo do bispado de Saragoça.

² *Revista occidental*, t. II, p. 306.

Tu étais vierge alors, et ta bouche vermeille
 N'avait pas encore reçu
 Les baisers sensuels d'un mari qui s'eveille
 Tous les matins sur ton sein nu.

Maintenant, que tu t'es au pied du saint autel
 Ainsi prostituée, Laurette,
 Et que de ton oublie j'ai bu l' horrible fiel,
 Je ne te nomme que — lorette.

Lisboa, 15 de Fevereiro
 de 1881.

CYRILLO MACHADO.

SUR LA SENSIBILITÉ TACTILE

L'analyse raisonnée de toutes les expériences et observations cliniques qu'on a jusqu'ici faites sur la sensibilité tactile a conduit les physiologistes à admettre trois types d'actions distincts qui éveillent en nous les sensations de contact, celles de chaud et de froid, celles de douleur et de plaisir. Mais chacun de ces trois types d'action ne sont pas seulement distincts mais encore séparables. Ainsi certains malades qui éprouvent les sensations de contact n'éprouvent plus celles de douleur. Tel est le cas du lapin dans la célèbre expérience de Schiff¹ et celui d'une jeune fille hystérique qui « ayant pris dans sa main une boule d'eau bouillante, ne s'aperçut de son imprudence qu'en voyant plus tard de grosses cloches lever sur sa main». Chez d'autres, au contraire, la sensation de douleur est conservée et même un peu exagérée tandis que celle de contact est tout-à-fait abolie. Tel est le cas d'une malade de Luys² qui sentait très bien la piqûre d'une

¹ Schiff, Ueber die Function der hinteren Stränge des Ruckenmarks.

² Luys, Comptes Rendus des Séances et Mémoires de la Société de Biologie, 1856, p. 94.

épinglé mais ne se rendait pas compte des impressions de contact. Chez d'autres la sensation de température est seulement abolie, celles de contact et de douleur étant conservées. Or de ce que chacune de ces sensations peut exister à l'absence de l'une ou de deux autres il suit qu'elles possèdent des conditions spéciales, propres, qui leur donnent naissance.

Ces conditions peuvent être anatomiques ou physiologiques. MM. Landry, Brown Séquard, Lhuys, sont partisans de l'hypothèse anatomique qui consiste en admettre autant de nerfs qu'il y a d'espèces de sensations. D'après cette hypothèse l'abolition d'une sensation de contact par exemple resulterait tout naturellement de la lésion du nerf correspondant ; cependant elle n'est pas basée sur aucune donnée expérimentale, ni confirmée par aucune observation micrographique, par nulle vivisection : ce n'est qu'une traduction brute, superficielle, du fait.

D'après M H. Taine, au contraire, une modification quelconque des alentours des nerfs de la peau imprimant à ceux-ci un rythme particulier d'action éveillerait en nous tel ou tel sensation. En effet «appliquons, par exemple, autour d'un genou, pendant trois minutes, un mélange composé de deux parties de glace pilée et d'une partie de sel marin, la peau devient exsangue et on constate qu'on peut y faire des cautérisations transcurrentes sans qu'i le malade accuse d'autre sensation que la pression du fer». Rapprochez maintenant de ce fait l'expérience de Schiff que nous avons cité plus haut et dans laquelle l'illustre physiologiste après avoir coupé toute la moelle épinière, excepté les cordons postérieurs, dans la région cervicale, retirait du corps de l'animal une certaine quantité de sang, pratiquait une hémorragie qui était suivie de l'abolition de la sensation de la douleur ¹. Il en résulte que celle-ci a pour condition *sine qua non* que les parties dans lesquelles se fait la distribution des nerfs de la peau soient arrosées.

¹ Nous ne croyons pas avec M. Brown-Sequard, Poincaré et autres qui les cordons blanches postérieurs soient affectés à la sensibilité. Il paraît que son rôle est de mettre en communication les diverses parties de la moelle épinière.

par le torrent circulatoire régulièrement et avec une certaine rapidité.

Pour vous édifier à ce sujet rappelons encore une expérience de Weber. Trempez un nerf, nerf cubital par exemple, dans l'eau froide et au lieu d'éprouver une sensation de froid vous aurez une sensation de douleur. Détruisez maintenant les alentours du nerf et faites agir le froid, vous verrez avec étonnement que la sensation de froid n'a pas lieu. Nous pouvons donc conclure que le froid agissant directement sur le nerf est incapable de lui imprimer le rythme d'action qui nous donne normalement la sensation de froid, et que ce rythme est provoqué par les modifications des appendices et dépendances du nerf sous l'influence du froid.

Mais en quoi consiste ce rythme d'action ? Comment se fait la conduction des impressions de contact, de température et de douleur ? au long des nerfs de la peau ? Il est très probable qu'il, s'agit ici d'un déplacement des molécules nerveuses, que ce déplacement consiste en un mouvement de va-et-vient, en une vibration¹. D'après cette idée il est aisément d'expliquer comment un nerf qui conduit une impression est également apte à conduire une impression de douleur par exemple; car un froid d'une certaine intensité nous fait éprouver de la douleur, c'est-à-dire une sensation de froid lorsqu'elle atteint un certain degré d'intensité se transforme en une sensation de douleur tout comme le mouvement calorique se transforme en mouvement lumineux, le bleu en violet dans le spectre de platine ou un bruit en un son musical dans la roue de Savart ou d'Helmholtz.

Autre analogie : On sait que dans certains cas le son ajouté au son produit le silence et la lumière ajoutée à la lumière produit l'obscurité, et le silence aussi bien que l'obscurité ne sont que la conséquence du repos des molécules aériennes et étherées dé-

¹ Dr. Onimus, De la vibration nerveuse et de l'action réflexe dans les phénomènes intellectuels. Voir aussi Fick, Lehrbuch der Anatomie und Physiologie der Sinnes-Organe, 5.

terminé par les interférences des ondes. Le nerf nous montre un phénomène qui lui peut être comparé : le téton musculaire disparaît aussitôt qu'un courant électrique traverse le nerf correspondant. Cette idée appartient à l'éminent physiologiste Cl. Bernard.

Les considérations qui précèdent nous autorisent à affirmer qu'un nerf tactil est un conducteur destiné à transmettre les impressions de contact, de chatouillement, de choc, de température, de douleur et de plaisir tout comme un conducteur métallique peut en un moment donné transmettre le mouvement sonore, calorique, lumineux, électrique, magnétique, et qu'à chaque sorte de sensation répond une certaine modalité de mouvement moléculaire, une certaine forme d'onde, une vibration d'une certaine longueur, vitesse et durée.

Ainsi nous croyons avoir complété l'hypothèse physiologique de M H. Taine en démontrant en même temps que l'hypothèse anatomique de M Brown-Séquard et autres est inadmissible, ne fût-ce que pour trop compliquée. C'est peut-être le cas de dire avec Alphonse de Castille quand il fut informé du système de Ptolomée : «Si j'étais Dieu, j'aurais organisé l'univers d'une manière plus simple et par conséquent plus savante!»

Porto, 6 mars 1881

D. AGOSTINHO DE SOUZA.



O EMPIRISMO E A PHILOSOPHIA DA NATUREZA

(Conclusão de pag. 129)

A ideia da observação passou de paes a filhos, de uma geração á outra, pela função da hereditariedade.

A medida que os cerebros se desenvolviam, o empirismo tornava-se mais perfeito. A humanidade foi sofrendo uma evolução inconsciente produzida pelas forças naturaes; e em virtude d'este caminhar continuo no tempo, as especies, modificando-

se constantemente, ensinaram ao homem um meio mais facil e methodico de observação.

N'este revolver de seculos, n'este baralhar de gerações, despontaram no horizonte os vultos de Galileo, Copernico, Newton, Laplace, Aristoteles, Linneu e tantos outros que constituem essa grandiosa pleiade dos maiores genios que a humanidade tem creado.

Galileo e Copernico reconheceram que os corpos celestes se moviam em orbitas fixas: mas a astronomia exigiu de Kepler e Newton que descobrissem as leis desse movimento.

Era a theoria, a philosophia da natureza, a tomar posse dos conhecimentos adquiridos pelo empirismo.

As fogueiras da inquisição e a ignorancia dos absolutistas de Roma formavam a reacção miseravel que fazia, entre as nuas paredes de um carcere, de um sabio um pária, de um homem, um corpo cheio de vermes que o destruiam e que tinha por ultima morada o monturo.

Mas, qnem pôde conter as ondas do progresso? quem pôde negar esta eterna verdade que nos rege, essa admiravel epopêa da natureza!?

Querer impedil-a no seu caminho é uma loucura, uma utopia, que só tem echo entre visionarios!

Se os negros planos dos devassos de Roma não puderm por vezes, no decorrer da civilisação, reter os passos dos verdadeiros philosophos da natureza, a *crença*, este veneno que creamos em nós desde a mais tenra infancia e que nos tortura todas as vezes que uma ideia luminosa scintilla no cerebro, este terrivel e quasi invencivel inimigo que nos repelle á medida que as azas da nossa imaginação se abrem a novos horisontes, substitue a sotaina como elemento de reacção.

Foi a crença que levou Linneu a admittir a louca e erronea cosmogonia de Moysés, foi a crença que atrophiou os pensamentos grandiosos de Cuvier, que seria o primeiro naturalista do mundo, se o seu exagerado amor ao empirismo, motivado sem duvida pela sua educação, não tivesse obstado o mais elevado talento que a França creou de fazer brilhar em face da posteri-

dade e da sciencia as mais admiraveis concepções a que um engenho como o de Cuvier poderia attingir!

Foi este amor de avarento que o auctor das «Ossadas fosseis» dedicava aos seus trabalhos empiricos, que motivou o seguinte pensamento de F. Pouchet: «Ce qui fait défaut à la science française c'est la liberté philosophique: on l'enchaîne dans l'étroitesse d'un dogme dès qu'elle aspire vers ses hautes régions.»

Porém, na época em que o celebre fundador da paleontologia ditava leis entre naturalistas, que o escutavam como a um inspirado, surgiu um novo heroe que assombrou a França de então com ideias sublimes, nascidas de uma verdadeira sciencia: foi Geoffroy Saint-Hilaire.

Rival de Cuvier, a França julgou-o insensato, porque o seu maior erro tinha sido a formação de uma philosophia organica sobre bases que os profundos estudos do *mestre* lhe tinham sugerido!

A sorte de Lamarck, o immortal auctor da «Philosophia zoologica», o verdadeiro fundador da theoria genealogica, foi quasi a mesma! Só cincoenta annos mais tarde, quando os espiritos tomaram uma nova direcção, é que a sua obra admiravel, esse eterno monumento produzido por um genio, foi comprehendida e mais tarde ampliada.

Além de Geoffroy Saint-Hilaire e Lamarck, outros não menos notaveis como Oken, Schelling, Goethe, fizeram a reacção pelo lado da philosophia da natureza.

Esta oscillação entre o empirismo e a philosophia durou trinta annos, de 1830 a 1860.

Cuvier saira vencedor da luta, porque a sociedade sua contemporanea não queria descender de entes que desprezava, e a quem ainda hoje, a nossa por um escarneo intolerante, chama *irracionaes*!

Esta gloria, porém, não devia ser duradoura. Lá nas margens do Severn, na fria Inglaterra, um novo heróe da sciencia se alimentava e crescia deixando conhecer os preludios do seu voar de aguia!

Um dia uma trovoada rompeu pela atmosphera da sciencia. Os ceus toldaram-se; e entre as brumas do norte entrou de surgir esse astro da mais vivificante luz, um sol que alumia a humanidade, mostrando-lhe o seu passado, o seu presente e o seu futuro.

Charles Darwin foi este novo Christo, novo evangelho, que produziu um dos maiores abalos que a especie humana tem sentido no seu caminhar lento e vagaroso!

Comprehendendo o alcance de todos os phenomenos, auxiliando-se de todos os factos colleccionados pelos empiricos, Darwin estabeleceu a mais bella theoria que uma intelligencia pôde conceber, preenchendo com este sublime monumento a importante lacuna que existia na grande theoria da evolução universal.

Aquelle tão elevado engenho, coberto de louros que corôam a sua fronte aureolada de luz, coube a veneração da posteridade, a nós, representantes da futura geração, a honra de termos nascido em um seculo que viu a mais sublime concepção intellectual, e com esta o havermos obtido um caminho plano e sem abrolhos para a investigação de novos horisontes.

Porto, fevereiro de 1881.

SILVA TELLES.

VICTOR HUGO

Quel mystère insondé que l'œil interieur !
A quelle profondeur voit cet œil inconnu !
(V. HUGO, - *La Légende des siècles.*)

Amar a Victor Hugo, é amar a Verdade,
Na mais alta expressão do symbolo e da ideia:
É amar a Justiça, a Luz, a Liberdade,
Crystaes de que formou uma grande epopeia.

Se o espirito de um deus pousasse sobre a terra,
Ó visionarios vãos! era naquelle craneo,
Onde se ouve rugir heroicamente a guerra...
Não a guerra feroz do verme subterraneo,

Que marcha lento e lento, e as almas assassina:
 Mas a guerra que ataca as sombras, a cegueira,
 Despedaça os grilhões, condemna a guilhotina,
 E faz subir ao Ceu a humanidade inteira.

Nos dias da victoria, ou nas trevas do exilio,
 Nunca deixou de ouvir-se o cantico sublime,
 Em que o infeliz encontra as lagrimas, o auxilio;
 E o despota e o tyranno, a accusação do crime.

Saudemos essa fronte! O genio alli scintilla,
 Como um ceu estrellado em noites de luar.
 Todos mentiram sempre: o propheta, a sibylla,
 Porém a Luz não ha-de os homens enganar.

Os tecidos da planta, os montes escarpados,
 A terra que nos cria, o mar que nos seduz,
 O monstro, a alma, a flor, são espelhos variados
 Da vibração etherea, olympica da Lúz.

A Luz tem ajudado o homem desde o berço,
 Desde o tempo em que elle era um anthropoide afflito,
 Até que poude ver a marcha do Universo,
 E apagou com um sopro a chamma do infinito.

Por isso vão cahindo as vis instituições,
 As coroas dos reis, da Egreja o ferreo jugo:
 E este povo, que outr'ora abandonou Camões,
 Sabe hoje levantar nos braços Victor Hugo!

Porto, 27 de Fevereiro de 1881.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

UM DANDY

(Conclusão de pag. 112)

II

Em pouco tempo se transformou a vida de Raul, porque a sua legitima approximava-se de zero.

De fidalgo altivo passou a um dissipador asqueroso.

Nos centros mais aristocraticos fallava-se d'elle desfavoravelmente.

Chamavam-lhe estroina, e depravado, accusavam-no de ter tocado o limite do rebaixamento moral. Havia n'isto tudo visos de exageração, porque nos circulos da *claque* hyperboliza-se por habito. Uns apontavam como maior defeito de Raul — o jogo; outros desculpavam-lhe este vicio, mas criticavam-no acremente por ser um miseravel seductor. Emfim cada qual zurzia-o a seu modo, apimentando sempre as phrases, accentuando bem as palavras.

Raul só tinha por si os *dandys* de segunda ordem, porque os de primeira já o tinham abandonado. Este desprezo era a traducção de certos odios passados, era a expressão viva da raiva concentrada.

Em tempos de boa amizade parece que o nosso *dandy* disputára com felicidade as namoradas aos seus amigos. D'aqui aquela indignação surda que tem feito muitos criminosos.

Desquitaram-se, pois, os antigos camaradas das bambochatas nocturnas para vomitarem sobre o amigo d'outras épocas o feda sua colera de inveja e de maldade. Raul via-se quasi isolado no seu campo de loucuras e desbragamentos. Já não era seguido pelo seu séquito de admiradores, tinha sido repellido por aquelles que o arrastaram para o immundo charco da dissolução em que elle se espojava á mercê dos maltrapilhos que o faziam descer degráo a degráo a escada ignominiosa da affronta e do escarneo. É assim essa classe de manequins aristocratisados que têm sède de corromper á custa d'um luxo phantastico e de uma astucia venenosa. E a mocidade inexperiente acompanha-os, magnetisada pela ostentação balofa, pelos encantos da occiosidade e da depravação. A principio narcotisa-se nos cafés de athmosphera pesada, irrespiravel; embebe-se ahi no que ha de mais luxuriante e prevaricador, amolda a imaginação ás lugubres aventuras de uma vida airada, prostitue os restos do sentimento já embaciado pelo vicio, e por fim lança-se no pélago da corrupção, céga de gósos, sequiosa de immoralidade. Do café passa ao alcouce, d'este á roulette, aonde oxida com a degradação os ultimos vestigios da virtude que se evaporou por entre o aviltamento e o desleixo até chegar ao roubo.

Raul já tinha passado por todas estas phases tristes. Ao sentar-se no ultimo degráo da escada por onde elle desceu para a perdição, olhou em róda e viu-se só! Ao longe resoava o echo da *canalha* que o apupava...

Lembrou-se, então, da emigração, do desterro!

Estas ideias assaltavam-lhe o espirito e, ao passo que o aterravam, como que o embriagavam docemente, suspendingo a ponta do veu que lhe occultava um futuro.

Seguro da salvação atirava-se ás bachanaes para se despedir das devassidões que o acalentaram e, em libações desordenadas, descarregava as ultimas lufadas do desespero misturado de dôr e de licenciosidades. Ébrio de sensações diversas, cuspia nos seus adversarios os epithetos que elles lhe ensinavam. Mas no meio do estonteamento e da depravação, ouvia as zombarias picantes e mordazes dos seus inimigos, que o provocavam para o degradar. E esses motejos tornavam-se tão insultadores que Raul chegou a pensar no suicidio para se libertar da irrisão publica!

A familia tinha-o desamparado, dos seus amigos de infancia poucos restavam e esses eram só para lamentar a sua miseria, a sua anemia moral, apontando-lhe a voragem que em breve o havia de devorar!

Agrilhoado por estes troncos da maldiçao, amarrado á meza da fome, sem leito, sem luz e sem recursos, Raul sentia-se desfalecido. Pesava-lhe no coração a mão da consciencia.

Pensou dolorosamente, meditou com amargura.

Tinha chegado ao extremo do longo caminho da desgraça d'onde se precipitaria ou no abysmo da morte, ou no campo do trabalho.

D'un lado o terror, do outro o phantasma de quem elle fugia desde creança.

Sentia-se allucinado!

Uma tempestade horrivel tinha-se desencadeado no seu cerebro, abrasado por tão estranhas realidades!

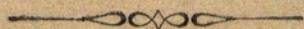
Por fim cedeu. Era chegado o momento da desesperação!

Faltavam-lhe as forças, porque lhe faltava o sangue.

Não podia, sequer, pedir uma esmola!

Dos farrapos sujos, que lhe serviam de leito e aonde elle chorava as suas grandezas passadas, foi para o catre do hospital e ahi expiou todos os seus crimes, castigado pelos horrores da dôr, que o fulminou.

MONT'ALVERNE DE SEQUEIRA.



CHRONICA

CLUB ACADEMICO DO PORTO

A matinée litterario-musical que o Club Academico do Porto realizou no dia 27 de fevereiro, foi tão solemne como significativa. Tratava-se de prestar homenagem a Victor Hugo, cujo nome resava, n'esse dia, d'uma extremidade á outra do universo. Pariz, a capital do mundo, devia n'esse momento sentir no seu seio uma agitação alegre de quem se ufana de um triumpho, assim como a mocidade academica do Porto sentia-se orgulhosa de commemorar o anniversario natalicio do maior vulto litterario da França.

Rompeu a festa com o hymno do Club, mimosa composição do nosso amigo Ayres Borges.

Em seguida discursaram os senhores Affonso Cordeiro, Agostinho de Souza, Silva Telles, Galrão e Abreu; recitaram poesias os senhores Couto, Carvalho e Leite de Vasconcellos, nosso collega n'esta redacção, e cuja poesia vae a pag. 148 do PANTHEON. Todos estes academicos patentearam aptidão para trabalhos d'aquelle ordem, não fallando de alguns d'entre elles que já são experimentados nas lides litterarias.

Como era natural, todos os discursos versaram sobre o ingente auctor dos *Cantos do Crepusculo*, isto é fallaram todos da litteratura franceza, porque homens como Victor Hugo constituem por si sós uma litteratura. E, no calor do entusiasmo, presentia-se que, n'aquelle ambiente de luz e de actividade, palpitavam corações grandiosos e intelligencias cheias de aspiração e sequiosas de gloria. No momento em que o mundo inteiro saudava o gigante da litteratura universal, esse Hercules das letras, um dos academicos revolvia a vida passada do grande poeta, analysava o seu exilio, compenetrava-se da sublimidade do seu talento e do seu coração, lembrando-se talvez d'este verso—*Donnez, riches! Laumône est soeur de la prière*—e mostrava insensivelmente que o auctor dos «*Miseraveis*» é um dos rarissimos escriptores que têm presenceado a sua apotheose.

E' caso para se dizer que Victor Hugo vê em vida a sua immortalidade.

A parte musical foi desempenhada por alguns estudantes, d'entre os quaes se destacou pelo brilhantissimo da execução o senhor Ayres Borges. Este talentoso academico a uma alma de artista, junta um gosto apurado, fino, delicado, de modo que traduz com a mesma facilidade um pensamento de Meyerbeer, Strauss, Donnizetti ou Bellini.

Concluiu a matinée com o hymno do Club, depois de entusiasticos e phreneticos aplausos dos assistentes entre os quaes se viam alguns jornalistas e litteratos portuenses. Pela manhã tinha sido enviado ao eminente poeta dos *Chatiments* o seguinte telegramma :

VICTOR HUGO

PARIS

«L'association académique des Etudiants de Porto présente son hommage au grand Poète de l'Humanité.»

Pelo que se vê, o Club Academico do Porto aguarda um futuro esplendoroso se caminhar sempre na esteira da civilisação.

M. A. S.